

Efeito de empréstimos do BNDES é positivo para sobrevivência de empresa



[Click here to open the image](#)

Autor: Fabio Graner

Os empréstimos do BNDES têm efeito positivo para a sobrevivência das empresas, mas a disponibilidade do dinheiro importa mais que valor, juros, prazo de carência e duração do contrato. A avaliação consta de um texto para discussão publicado na página do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) dos economistas Philipp Ehrl, professor da Universidade Católica de Brasília, e Leonardo Monastério, técnico do Ipea e que também leciona na mesma Universidade.

O estudo considerou uma amostragem de quase 10 milhões de empresas, sendo 9,5

milhões que não tomaram crédito no banco e o outras 290 mil que se beneficiaram das linhas da instituição federal de fomento, no período de 2003 a 2014. A conclusão, explicam os autores, foi na mesma direção do que já se apontava na teoria internacional: importa mais a oferta de recursos do que as condições em que eles são ofertados para garantir a sobrevivência delas.

“Na amostra completa, a margem extensiva dos empréstimos, isto é, o recebimento ou não, mostra-se extremamente positivo para a sobrevivência, mas o valor, os juros, o prazo de carência nem a duração do contrato apresentam efeitos significativos”, diz o texto. “Fica evidente que estímulos ao crédito são mais efetivos quando as firmas sofrem restrições financeiras severas. Neste caso, e os resultados desta pesquisa corroboram este ponto, os empréstimos não precisam ser concedidos a taxas de juros baixas, pois é sua disponibilidade, em geral, que realmente importa para a sobrevivência das empresas”, completa.

Philipp Ehrl disse em entrevista ao Valor que o trabalho mostra que, para ter eficácia, o crédito do banco não precisa operar com juros subsidiados, como ocorre historicamente e que foi prática intensa até poucos anos atrás. “Para a política ser eficaz em seu movimento contracíclico não é necessário ter taxas abaixo do mercado”, disse.

Desde 2016, após a queda da presidente Dilma Rousseff, os governos Michel Temer e Jair Bolsonaro têm buscado reduzir os subsídios para a instituição federal.

Os dados e testes compilados no apontam que, enquanto no primeiro ano de vida, cerca de 60% das empresas sem apoio do BNDES morreram, no caso das companhias que tiveram esse suporte, a mortalidade foi de apenas 14%. Ao fim de 12 anos, a mortalidade do grupo que recebeu crédito do banco foi de 30% e do grupo sem apoio, de 79%.

“Tanto as linhas mais populares — como BNDES automático e Finame — quanto as **instituições financeiras** que mais operam empréstimos do BNDES atraem empreendimentos com risco abaixo da média, o que ajuda no resultado de uma maior taxa de sobrevivência, ponderam os autores no texto. “Em outras palavras, a taxa de evasão no grupo das empresas com pelo menos um empréstimo pelo BNDES é 15% no primeiro ano. Uma fração espantosa de 60% não sobreviveu ao seu primeiro ano no mercado durante o período 2003-2012”, completam.

O material aponta ainda que as companhias beneficiadas pelo BNDES possuem mais funcionários, maior experiência no mercado e mais filiais. “Por estas características, o grupo de empresas com empréstimo pelo BNDES apresenta menor risco de morte. Ademais, o fato de as condições específicas dos contratos não afetarem o risco tanto como o simples fato de receber um empréstimo subsidiado o afeta, alimenta a suspeita de autosseleção de firmas com características favoráveis ao grupo dos beneficiados”, dizem.

Apesar de dar um peso muito maior para a disponibilidade de crédito do BNDES para a sobrevivência, o material reconhece que o nível de juros também dá sua contribuição. A constatação foi feita após testar a amostra sem

as empresas que morreram no primeiro ano. “Precisa-se reconhecer que o número de empréstimos subsidiados e uma carga de juros menor não apenas reduzem o risco imediato, mas também futuro”.

Subjects and Keywords: Banco Central - Perfil 1 - Ipea, Instituições Financeiras